

O Brasil Aparece Como é no Novo Filme de Camus

FORTALEZA, 24 (De Rubem Braga, exclusivo para O GLOBO) — Há um mês Marcel Camus, o diretor de "Orfeu Negro", está filmando no Ceará, e aqui deve ficar até o fim do mês.

Sua equipe de 35 pessoas instalou-se no Plaza Iracema; na praia do Meireles ele armou uma cabana igual à de qualquer jangadeiro, para filmar interiores; e mais adiante, na Volta da Jurema, ergueu o "Riso do Mar", um boteco de praia. Muitos jangadeiros de verdade aparecem no filme;

além disso ele pegou tipos locais para pequenos papéis: o dono do bar é o Tôni Figueiredo, dono de bar mesmo, o barbeiro é um modesto barbeiro de pobre, e assim por diante.

O equipamento de filmagem pesa 12 mil quilos. Antes de chegar ao Ceará, esse equipamento e o pessoal já andaram pelo Território do Rio Branco, Manaus, Belém, estrada Teresina-S. Luís e Canindé. Tudo se transportará ainda (em "Constellations" fretados) para Bahia e Brasília.

O Pessoal

A produção de "Os Bandeirantes" é franco-brasileira; de um lado a Terra Films de França, de outro a Jean Manzon Filmes e a Atlântida. A distribuição no Brasil caberá a Luís Severiano Ribeiro.

Camus é o autor do argumento e o diretor. Exigentíssimo, mas suave e paciente, gasta horas fazendo repetir as cenas, e está sempre a alterar os diálogos feitos por Jacques Viot.

O chefe de produção é Jean Manzon; ele é que tem de providenciar energia para os projetores nestas cidades do Norte tão maltratadas pelas suas pobres termelétricas, arranjar isso ou aquilo com autoridades e particulares, tratar com os artistas e os extras, cuidar de alojamento, comida, transporte

etc. Disse que nunca trabalhou tanto e teve tantos problemas em sua vida. "Mas a coisa vai — e é formidável a boa-vontade que a gente encontra por toda parte".

A principal figura feminina é Lurdes de Oliveira, a "Mira" do "Orfeu Negro", uma figura perfeitamente deliciosa. Com ela contrasta (na cor) a bela Elga Andersen, uma loura alemã que fala bem francês e já está com um razoável português. Em "Bonjour Tristesse" ela fez aquela amante que o pai da moça leva às casas de luxo de Paris; em "Elevador para o Cadafalso", disfarçada de feia, aquela alemã que é assassinada com o marido em um "motel".

O galã é Raymond Loyer, que trabalhou em "Le vent se lève", mas é mais conhecido na França pela sua atuação no teatro. Louro, quarentão, de olhos claros, forte, com uma cara expressiva e tensa, ele é o personagem central do filme. A seu lado um alto crioulo baiano, Elmiro Honorato, o "Beija-Flor", pedreiro e capoeira, será certamente a grande revelação da fita.

O bandido, que aparece pouco, é Johnny Reichenheim, "cameraman" de Manzon, nascido na Alemanha e naturalizado brasileiro. Uma figura encantadora do filme é a menina

Maria Alice, sobrinha de Lurdes.

Os técnicos principais são estrangeiros: Marcel Grignon, diretor de fotografia, o engenheiro de som Jo de Bretagne e outros; mas entram alguns nacionais, inclusive eletricitistas da Vera Cruz com equipamento daquele estúdio. Há gente de várias nacionalidades na equipe, inclusive uma simpática indochinesa, funcionária da Maison de France. Os assistentes de Camus são Robert Mazoyer e Bartolomeu de Andrade. Este foi também seu assistente em "Orfeu Negro" e fez a tradução da maioria dos diálogos do novo filme, trabalho de que este repórter também participou.

A música é toda de Zézinho, o autor do "Samba Fantástico", menos uma canção francesa. Zézinho faz um côco, uma canção de jangadeiros, uma marcha-rancho e outras coisas, e toma conta de toda a parte musical, pois está de licença na televisão Tupi, onde é maestro.

Duas Histórias

Se eu disser que "Os Bandeirantes" é todo em cores (East-mancolor), que aproveita várias festas populares do Norte — procissões, congadas, bumba-meu-boi, 1.º de Janeiro em Salvador etc. e algumas das mais estranhas paisagens do Brasil — a floresta amazônica, a caatinga ressequida do sertão, os subúrbios de palafitas de Manaus e seu Teatro Amazonas, cais de Belém, praias do Ceará, interior do Piauí, o Pelourinho da Bahia e a Praça dos Três Poderes de Brasília, isso poderá dar uma idéia de documentário. Mas o argumento não é um pretexto, longe disso. É uma história, de aventuras, amor e amizade, de grande sentido humano que Camus tinha na cabeça quando passou 35 dias com Manzon viajando de avião pelo Brasil a escolher locais para filmar.

É a história de estrangeiros que o destino leva a entrar em contato com a gente pobre do Brasil e viver sua vida; é principalmente a história de um homem com a alma travada pelo ressentimento e pela sede de vingança que aprende a sentir a vida de maneira diferente.

Mas ao lado desse argumento — que não vou contar — há outra história, que também não contarei e nem o espectador verá: a do próprio filme. Basta dizer que a filmagem começou em Canindé, em pleno sertão, onde água para bebida é rigorosamente racionada. Depois de uma só noite em um hotel de Fortaleza, para ali foram levados os artistas e técnicos estrangeiros e nacionais, e todos tiveram de dormir em rédes e enfrentar muitas das provações mais sérias e desagradáveis da vida sertaneja. Houve quem quisesse fugir... Houve, e há, nessa caravana heterogênea de 35 pessoas de várias nacionalidades, atritos inevitáveis, queixas, futricas, pequenos dramas e comédias; com o seu bom temperamento e sua doçura de trato, Marcel Camus teve, muitas vezes, de resolver os mais inesperados problemas humanos...

Mas eu acho que de tudo isso vai sair um excelente filme, com muito de Brasil — da gente e da terra do Brasil — palpitando nele.